

**CRIANDO UMA NOVA HISTÓRIA**  
**A EXPERIÊNCIA DO CENTRO DE MEMÓRIA VASCO DA GAMA**  
**CREATING A NEW STORY**  
**THE EXPERIENCE OF THE CENTRO DE MEMÓRIA VASCO DA GAMA**

**RICARDO PINTO DOS SANTOS** | Doutor em História Comparada pelo PPGHC/IH/UFRJ. Coordenador-Geral do Centro de Memória Vasco da Gama.

**RESUMO**

O presente texto tem por objetivo detalhar o processo de construção do Centro de Memória Vasco da Gama. Pioneiro em um clube de futebol, iniciado em 2001, o projeto foi desenvolvido por historiadores e tem por finalidade, para além do resgate da sua história, a recuperação, a preservação e a divulgação do seu acervo histórico.

*Palavras-chaves: futebol; memória; preservação; Club de Regatas Vasco da Gama.*

**ABSTRACT**

This paper aims to detail the process of construction of the Centro de Memória Vasco da Gama. Started in 2001, the project is a pioneer in soccer clubs. The initiative was developed by historians, and aims to go beyond the mere recovery of the club's history by enabling the restoration, preservation and dissemination of its historical collection.

*Keywords: soccer; preservation; Club de Regatas Vasco da Gama.*

**RESUMEN**

El presente texto tiene como objetivo detallar el proceso de construcción del Centro de Memória Vasco da Gama. Primero en un club de fútbol, en 2001, el proyecto fue desarrollado por historiadores y tiene por finalidad, más allá del rescate de su historia, la restauración, la preservación y la difusión de su colección histórica.

*Palabras clave: fútbol; memoria; preservación; Club de Regatas Vasco da Gama.*

## UMA TRISTE REALIDADE

Sem medo de cometer exageros, podemos afirmar com tranquilidade que o futebol foi o esporte do século XX. Na verdade, mais do que isso, o futebol se tornou, no decorrer desse tempo, um dos maiores produtos da contemporaneidade. Mobilizando cada vez mais pessoas e, principalmente, movimentando cifras financeiras cada vez maiores, o futebol acabou se tornando um esporte à parte, visto que nenhuma outra modalidade esportiva alcançou, em sua plenitude, números que nos permitissem uma possível comparação.

Nas últimas décadas, sobremaneira, esse cenário se tornou ainda mais expressivo. A partir do vertiginoso crescimento econômico da Federation International Football Association (Fifa), notadamente após os anos 70, sob a gestão do brasileiro João Havelange, o futebol se tornou ainda mais internacional e, em consequência, o seu potencial de mercado cresceu em passos largos, diria até que gigantescos.

No Brasil esse panorama também se mostrou presente. Com a consagração brasileira a partir da conquista do tricampeonato mundial de futebol, em 1970, o país assume lugar de destaque no mundo futebolístico. Com isso, jogadores talentosos brasileiros foram se tornando “mercadorias” cada vez mais caras e, na esteira desse processo, o futebol se tornou um dos negócios mais lucrativos dos novos tempos, também no Brasil.

No entanto, apesar do destaque do futebol no cenário esportivo mundial e, em particular, no caso do Brasil, da importância deste esporte na construção do imaginário do que seria ser brasileiro, confirmada, grosso modo, dentro e fora do país, apenas uma pequena parte dos agentes envolvidos com o futebol divide o gigante volume de dinheiro que movimenta esse jogo.

Nessa estrutura completamente desigual, projetos relacionados à história, memória e preservação de acervo, dentro de um clube de futebol, mas também noutras instituições, são rotineiramente descartados por não apresentarem “resultados” imediatos e retorno financeiro para os clubes.

Na verdade, há nesse processo, de uma maneira simplificada, um argumento e uma realidade estrutural que dificultam a criação de projetos relacionados à memória e à história dentro de instituições esportivas. Primeiro, com o argumento de que todos os clubes passam por uma crise financeira generalizada, versão que deve ser ponderada, visto que os gastos iniciais com o projeto não chegam a 25 mil reais por mês (valor irrisório frente ao movimento financeiro de um grande clube de futebol e que, principalmente, pode ser reduzido se adequado à realidade de cada clube). Os dirigentes insistem que todo o projeto deve gerar retorno financeiro imediato à instituição, ou no mínimo ser autossustentável desde a sua criação. Não há, nesse caso, sequer a disponibilização de recursos suficientes para a estruturação básica de projetos com esse perfil, tornando, desta forma, a sua existência quase que um milagre.

Mais do que isso, não há por parte dos dirigentes uma avaliação adequada acerca da importância, até mesmo para a construção de novos produtos, da preservação de um acervo histórico. Ademais, enquanto o retorno financeiro for visto como sendo o único possível a

ser avaliado na aprovação de um projeto, pouco poderá ser feito no sentido de mudar essa mentalidade. Grosso modo, os administradores de um clube de futebol encaram esse tipo de material como sendo “coisas velhas” sem a menor relevância, lembradas apenas em datas festivas nas quais há uma exigência relativamente maior sobre esse tipo de material ou conhecimento específico.

A realidade estrutural que dificulta, em larga escala, projetos dessa natureza está inserida num problema visível, de forma sintomática, em toda a sociedade brasileira, que é a relação distanciada dos agentes esportivos (dirigentes, atletas e torcedores) de instituições de preservação de memória. Em geral, eles desconhecem as potencialidades desses espaços e, com isso, obliteram os projetos.

Acreditamos que uma possível aproximação com os lugares de memória (Le Goff, 1990), em especial os museus e arquivos, poderia revelar um pouco mais acerca da importância desses investimentos, bem como os seus potenciais econômicos (vide como exemplo o caso do Museu do Barcelona que faturou, em 2012, mais de 25 milhões de euros somente com tíquetes de entrada). Com isso, salvo raras exceções, temos uma árdua batalha diária para provar o quão é importante para as instituições e para o país preservarem de forma adequada a sua história. Por tudo isso, o que assistimos, nos dias de hoje, são instituições que diante da exacerbada mercantilização do futebol, movimento que não parece arrefecer, se preocupam apenas com o lucro e a sustentabilidade imediata.

Para além destes dois graves problemas, que se tangenciam a todo momento, temos alguns agravantes que complicam ainda mais o cenário. O maior deles, que por se tratar de um clube de futebol se torna determinante, está na vinculação, quase que de dependência, dos projetos extracampo ao sucesso do time em conquistas esportivas. Ou seja, enquanto o time estiver bem na tabela de classificação do campeonato, a possibilidade de um projeto ir adiante é, significativamente, maior do que quando está entre os últimos.

Constatamos, sem muito esforço, nesse cenário nada favorável, que a história e a memória dos clubes de futebol no Brasil ainda são temas inscritos em um universo muito reduzido de profissionais e, infelizmente, atividades de segundo plano. Em geral, a atenção das instituições, quase que exclusivamente, está voltada para as equipes e os seus desempenhos nos campeonatos.

Reconhecemos, é claro, que por se tratar de uma paixão que, objetivamente, movimenta bilhões de reais, a estruturação de uma boa equipe deve continuar sendo o principal objetivo dos clubes. Não há, nesse sentido, nenhum romantismo, por parte dos profissionais envolvidos com projetos de preservação histórica, de que seremos um dia o grande destaque dos clubes. Até porque esse jamais foi o nosso interesse.

No entanto, acreditamos que outros projetos, notadamente aqueles voltados para resgate, preservação e divulgação da memória de um clube de futebol, podem ajudar, consideravelmente, na formação de novos torcedores e na aproximação com o público já existente. Acreditamos também na criação de projetos que possam, atendendo aos novos rumos do mercado, ajudar na criação de produtos e campanhas positivas de marketing (Abreu; Chagas, 2009).

## OS PRIMEIROS DESAFIOS E A CONSTRUÇÃO DE UM NOVO CENÁRIO

O Centro de Memória Vasco da Gama foi criado em 2002 como parte da conclusão do projeto Memória Social dos Esportes, que contava com o apoio da Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (Faperj). Desenvolvido por uma equipe de historiadores vinculados ao Laboratório de Estudos do Tempo Presente, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, cuja coordenação geral estava sobre a responsabilidade do professor titular de história moderna e contemporânea Francisco Carlos Teixeira da Silva, o projeto produziu dois livros (Santos; Silva, 2002, 2006) e teve como principal legado a abertura de uma nova área de pesquisa no Departamento de História da Universidade.

O esporte, notadamente o futebol, a partir daquele momento, passou a ser investigado de forma mais sistemática no campo da história por uma série de novos pesquisadores. Com isso, o desdobramento do projeto transcendeu a produção de trabalhos acadêmicos e atingiu diretamente a mentalidade engessada de que o esporte não seria um grande tema para a história e para os historiadores.

Diferentemente dos estudos sobre o esporte desenvolvidos na Europa e nos Estados Unidos, bem como de outras áreas como a antropologia e a sociologia, que já se debruçavam sobre o tema há alguns anos, a história foi uma das últimas áreas das ciências humanas a investigar o tema no Brasil.

Para além dos ganhos acadêmicos, o projeto Memória Social dos Esportes conseguiu também o feito de entrar em um clube de futebol e desenvolver, com um perfil eminentemente acadêmico, um projeto ligado à recuperação e preservação histórica. Mesmo que inicialmente o descrédito na atividade tenha gerado enormes barreiras e desconfianças, os envolvidos com o projeto conseguiram apresentar resultados expressivos num espaço curto de tempo e, assim, conquistar respeitabilidade e apoio dentro do clube (Silva, 1999).

Como de costume, quando tratamos de acervo histórico num clube de futebol no Brasil, o Club de Regatas Vasco da Gama não possuía um departamento específico para tratar dos



temas e objetos relacionados à sua história. Desse modo, acabou sendo compreensível, apesar de assustador, encontrarmos grande parte do acervo do clube jogado em salas sem a menor condição de salubridade. Documentos, das mais diversas

Foto tirada na chegada da equipe ao Centro de Memória, em 2009

espécies, estavam em péssimas condições e, principalmente, não havia nenhum projeto em andamento, ou sendo pensado, para o resgate e preservação daquele material. Ou seja, a sua completa deterioração era somente uma questão de tempo.

Ademais, o que também surpreendeu a equipe, visto que o clube tem um acervo vastíssimo em fotografias e documentos administrativos, era o fato de que quando o clube necessitava de informações mais detalhadas sobre algum evento ou elemento histórico a informação era obtida de forma completamente amadora. Ou seja, dependiam de pessoas, algumas vezes externas ao clube, que detinham o tal conhecimento específico para que os projetos pudessem ser desenvolvidos. Com a chegada da equipe ao Vasco, apontamos para uma solução possível para este problema, que era a criação de um departamento com essa expertise.

Num primeiro momento, com historiadores formados e alunos da graduação em história, a equipe se voltou para o resgate do material. Limpeza, organização e reestruturação básica foram as primeiras iniciativas tomadas frente ao caos encontrado. A partir disso, foi iniciado um processo amplo de catalogação e adequação das plataformas de guarda daqueles materiais.

Com o financiamento direto da Faperj, o clube naquele primeiro momento não teve nenhum tipo de custo, pois o projeto avançou sem graves problemas. O que, de certa forma, proporcionou aos profissionais envolvidos certa liberdade nos procedimentos e tranquilidade para desenvolvê-los. No entanto, como a iniciativa visava, também, uma mudança de postura do clube, em especial em relação ao seu acervo, houve um esforço em aproximar os dirigentes à execução do projeto. Ademais, a liberdade de trabalhar não significava, de modo algum, impor regras ou práticas sem que estas fossem antes detalhadamente apresentadas. Havia, na verdade, um grande interesse em trabalhar em conjunto, visto que desejávamos uma mudança profunda na forma como a instituição lidava com o seu acervo.

Por fim, o financiamento da Faperj foi encerrado no final de 2002 e, para a surpresa de toda a equipe, apesar dos resultados alcançados (acervo organizado, livro publicado, fichas



Foto tirada na chegada da equipe ao Centro de Memória, em 2009

de atletas digitalizadas e a criação de um setor no clube que atendesse às demandas internas e externas relacionadas à história) e da grande e positiva repercussão, o projeto foi abandonado pela instituição e nada mais foi feito no sentido de recuperá-lo.

Depois desse período, mesmo com a descontinuidade por parte do clube em relação à recuperação do Centro de Memó-

ria, a equipe de acadêmicos da área de história (professores e alunos) permaneceu produzindo na Universidade e se estruturando como grupo de pesquisa sobre o tema.

Nesse caso, o Laboratório de Estudos do Tempo Presente deu um salto significativo na produção e na qualidade do debate acerca do tema quando, em 2008, acolheu na coordenação dos estudos sobre o esporte o professor Victor Andrade de Melo, também da UFRJ. Sem dúvida, Victor Melo foi o responsável pela consolidação, expansão e aprimoramento do grupo que se dedicava aos estudos sobre a história do esporte na Universidade.

Já nesta nova conjuntura, para surpresa da equipe, o professor Ricardo Pinto, à época mestrando, foi procurado, em 2009, pelo atual vice-presidente do Vasco, o sr. João Ernesto da Costa Ferreira, com o intuito de recuperar o projeto do Centro de Memória Vasco da Gama. Naquele momento, apesar das dúvidas decorrentes da última experiência, Ricardo Pinto acreditou na proposta e organizou um novo projeto para o clube.

A partir de então, como coordenador-geral do Centro de Memória Vasco da Gama e após a conclusão do seu doutorado, o professor Ricardo Pinto pôde executar uma série de medidas que buscaram, de forma definitiva, sedimentar o projeto no clube. Para isso, uma nova e ampla organização do material foi feita e, principalmente, foi iniciado um processo de estreitamento de relações com várias instituições das mais diversas áreas.

No novo projeto, mais do que organizar fotos e documentos administrativos, optamos por executar as ações em todos os materiais encontrados, criando, nesse primeiro instante, um grande inventário do acervo do clube. Vestuários, bandeiras, faixas, troféus, cartões comemorativos, quadros, fotografias, documentos internos, revistas e jornais, enfim, tudo que fosse encontrado pelo clube seria analisado e adequadamente tratado.

Ao mesmo tempo em que ocorria o processo de inventariação, o acervo passava por uma limpeza imediata e era organizado por sua tipificação e recorte temporal. Colocando em prática, nesse caso, as mais atuais normas e procedimentos da arquivologia e da museologia. Através da museóloga responsável por esta parte do projeto, professora Tatiana Melo, o Centro de Memória buscou na Biblioteca Nacional uma referência para o trabalho desenvolvido no clube.

Vale ressaltar que nesse novo momento, o projeto passou a ser todo financiado pelo clube e, mesmo com todos os problemas financeiros pelos quais a instituição passa, há um discurso no sentido de confirmar a importância do Centro de Memória para a instituição.

Organizado todo o material, o passo seguinte acabou se tornando o grande destaque do projeto. Optamos por direcionar todo o investimento possível, ainda que pequeno, na digitalização total do acervo. Fotografias, atas, estatutos e coleções de revistas foram os primeiros documentos a serem digitalizados. Esse processo, levado a cabo de forma sistemática, tornou o Vasco da Gama o primeiro clube de futebol brasileiro a contar com um acervo histórico digital.

Atualmente, com mais de vinte mil peças digitalizadas, dentre elas coleções completas de revistas, estatutos, atas administrativas e de diretoria, documentos raros como o registro do lançamento da pedra fundamental da construção do estádio de São Januário, de 1927, jornais e um acervo fotográfico de todos os esportes já praticados pelo clube, o projeto conta ainda com um sistema moderno de busca, nos moldes da Biblioteca Nacional, que possibilita acelerar as respostas às demandas internas e externas de pesquisas.

Nesse novo projeto, o Centro de Memória passou também a atender demandas específicas, tanto de jornalistas, através de um suporte especializado e confiável para os seus trabalhos, quanto de intelectuais e estudantes, que buscavam ter acesso aos acervos dos clubes de futebol para desenvolver suas pesquisas, mas que, na maioria das vezes, não encontravam materiais organizados, bem como tinham acesso restrito ao material disponível ou mesmo não conseguiam profissionais qualificados para orientá-los e ajudá-los nas pesquisas.

Outra atividade que passou a ser recorrente no Centro de Memória foi a participação e organização de eventos relacionados à história do Clube e ao projeto propriamente dito. Exemplo emblemático dessas ações está na participação, desde 2010, da Semana de Museus, organizado pelo Ibram (Instituto Brasileiro de Museus) e, do mesmo modo, na participação da equipe em diversos eventos acadêmicos, como a IX Jornada Republicana, organizada pelo Museu da República.

Diferentemente do que acontecia alguns anos atrás, o Club de Regatas Vasco da Gama, desde 2009, sem levar em conta a primeira equipe formada pelo professor Francisco Carlos, possui uma equipe capacitada para tratar de temas relacionados aos seus arquivos e à sua história. Desde então, a equipe vem se ocupando em avançar no processo de sedimentação do Centro de Memória, bem como em apoiar outros departamentos em demandas que estejam relacionadas às nossas competências.

Enfim, muitos avanços foram percebidos e muitos sucessos alcançados na busca por um resgate da memória do Club de Regatas Vasco da Gama. Atualmente, outros clubes já apresentam projetos seguindo o mesmo perfil. No entanto, ainda são muito tímidos os projetos com essa finalidade. Precisamos, definitivamente, de uma mudança mais profunda na compreensão desse trabalho por parte de um grupo maior de dirigentes e instituições, pois somente assim conseguiremos preservar de forma mais adequada a história do futebol brasileiro.

Os avanços na preservação do material são visíveis e, do mesmo modo, colocam o projeto como fundamental na preservação da história do clube.



Fotos atuais do Centro de Memória Vasco da Gama

## TRILHANDO NOVOS CAMINHOS E ENFRENTANDO VELHOS DESAFIOS

Passados cinco anos da revitalização do Centro de Memória Vasco da Gama, o projeto conquistou parceiros e ampliou, significativamente, seu escopo de atuação. Dentro do clube, atuando diretamente nos projetos com perspectiva histórica, se tornou um parceiro importante do Departamento de Marketing e, fora dele, se aproximou, consideravelmente, da imprensa esportiva carioca.

Vale destacar, sobre este último, que a boa aproximação com os jornalistas é resultado de dois pontos centrais. Primeiro, com uma equipe técnica qualificada (todos os envolvidos no projeto são pesquisadores do tema), as respostas às demandas jornalísticas passaram a ter maior profundidade e conteúdo especializado, como consequência, passamos a proporcionar aos profissionais da imprensa perspectivas ampliadas sobre os temas solicitados.

O segundo ponto, não menos importante, está na velocidade do apoio à pesquisa. Com um sistema de busca avançado e, sobretudo, com um acervo digital expressivo, o apoio com documentos e fotos a reportagens relacionadas ao clube se tornou muito mais rápido e preciso. Com isso, a relação entre o nosso departamento e a imprensa foi se tornando cada vez mais constante e para todos os envolvidos, clube e imprensa, os resultados foram se tornando cada vez melhores.

No entanto, o Centro de Memória, mesmo com todos os resultados positivos, continua enfrentando grandes desafios, o principal deles é sobreviver frente à crise financeira que assola o futebol carioca. Mergulhados em dívidas os clubes tendem, como dito anteriormente, direcionar quase que a totalidade dos recursos financeiros ao departamento de futebol atingindo, com isso, diretamente os projetos paralelos. Nesse caso, não fugimos à regra e continuamos sofrendo com a crise e com o discurso proveniente dela.

Tendo que fazer sucessivos corte no orçamento, a equipe, a estrutura física e, fundamentalmente, os novos projetos sofrem constantes paralizações ou adiamentos. Nesse momento, a relação direta entre o sucesso no campo e a realização de projetos se mostra na sua forma mais verdadeira e cruel.



Fotos atuais do Centro de Memória Vasco da Gama

Outro desafio enfrentado, que em importância rivaliza com a crise financeira, está no esforço de tornar o projeto do Centro de Memória uma realização apolítica, ou melhor, que transcenda as questões políticas/pessoais do clube. Assim como acontece com as realizações de um governo, que constantemente são abandonadas por sucessores de oposição, as políticas dos clubes têm se mostrado muito próximas do que há de pior na política tradicional: a personificação de projetos.

Insistimos no discurso de que o Centro de Memória Vasco da Gama deve ser visto como um projeto definitivo do clube. Mais do que isso, investimos para que ele seja inserido em estatuto como parte integrante da estrutura básica de existência da instituição e que para a sua dissolução deva ser feita uma votação e somente a unanimidade dos votantes possa dissolver o projeto.

Essa proposta visa, acima de tudo, dois objetivos. Primeiro, contribuir para a preservação da história de um dos maiores clubes brasileiros. Segundo, fazer com que não fique só no discurso a relação entre a instituição e a sua história, visto que, constantemente, dirigentes e torcedores recuperam questões históricas para se posicionarem como um clube diferenciado. Nesse caso, seria no mínimo contraditório, um clube que se apropria tanto da história abandonar um projeto com esse perfil.

Atualmente, o Centro de Memória tem três linhas de atuação definidas. A primeira, base central do projeto, é a contínua digitalização e organização do acervo. Decorrente da finalização da primeira fase do trabalho (recuperação, organização e digitalização de uma parte do acervo) e, principalmente, da visibilidade alcançada pela mesma, a equipe passou a receber diversas doações de materiais (fotos, revistas, vestuários) de ex-atletas e torcedores que buscavam no clube um lugar adequado para guardá-los.

Com isso, o trabalho, como não poderia deixar de ser, está sempre se atualizando e agregando materiais. Na verdade, essa realidade é, acima de tudo, resultado de uma nova conscientização por parte, em especial, do público externo de que o Vasco possui um departamento especializado no tratamento das questões histórica do clube e que, a partir de então, os acervos pessoais teriam um lugar adequado para serem entregues. Esse é um dos maiores ganhos do projeto.

A segunda linha de atuação está voltada para a criação de subprojetos e apoio direto ao clube. Os exemplos mais expressivos são: a participação direta na confecção de uniformes e campanhas (exemplo da camisa comemorativa contra o racismo e a discriminação social – lançada em 2009), criação de oficinas de restauro de acervo (aguardando a finalização da nova sede do Centro Memória), inserção no roteiro *Turismo cultural no bairro imperial de São Cristóvão*, criação do Dia da Consciência Vascaína (evento que marca a luta contra o racismo no esporte – 7 de abril), criação de uma biblioteca esportiva e a estruturação de uma visita guiada à Sala de Troféus e ao estádio de São Januário.

Aguardando recursos e aprovação, estão ainda: a construção de um museu, a construção de um acervo audiovisual de depoimentos de torcedores, jogadores, dirigentes, intelectuais e jornalistas sobre o clube, a construção de uma sede maior e tecnicamente estruturada para o Centro de Memória (a sala contará com reserva técnica, porta corta-fogo, controle de

temperatura e umidade, sala de imprensa/reunião e sala de pesquisa – fase de finalização), ampliação da biblioteca, disponibilização em rede do acervo digital, aproximação através de projetos técnicos (como oficinas de restauração e preservação) com a comunidade ao redor e, por fim, a execução de um plano de busca externa de materiais vinculados ao clube (vídeos, áudios, documentos, fotos etc.)

A terceira linha de atuação está voltada para a pesquisa. Para além de atender estudantes (de todos os níveis) e profissionais (das mais diversas áreas – jornalismo e cinema são os mais comuns), brasileiros e estrangeiros, e orientá-los em suas pesquisas e trabalhos, o Centro de Memória desenvolve pesquisas internas com intuito de obter resultados, tanto heurísticos e hermenêuticos quanto práticos, para o clube.

A primeira grande vitória, nessa linha, foi conquistada através da construção de um dossiê entregue à Conmebol (Confederación Sudamericana de Fútbol) solicitando a inserção do Vasco na lista de ganhadores da Libertadores da América. O pleito foi aceito e comemorado por todo o clube. Foram ainda realizadas duas grandes pesquisas sobre os campeonatos intercontinentais de 1953 e 1957, bem como outras duas, mais teóricas, sobre o racismo no esporte e a relação de Getúlio Vargas com o Vasco da Gama (em andamento).

Enfim, o Centro de Memória vem se desdobrando para superar os desafios e, ainda assim, seguir dando passos largos na consolidação do trabalho. Há um esforço, nesse momento, em institucionalizar o projeto com o intuito de buscarmos financiamento em editais públicos. Porém, o nosso maior desafio, dentre todos os outros, é sobreviver diante de tanta mercantilização.

## Referências bibliográficas

ABREU, Regina; CHAGAS, Mário. *Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos*. Rio de Janeiro: Lamparina Editora, 2009.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas: Editora da Unicamp, 1990.

SANTOS, Ricardo Pinto dos; SILVA, Francisco Carlos Teixeira da (org.). *Memória social dos esportes*: Rio de Janeiro: Mauad X; Faperj, v. 1, 2002; v. 2, 2006.

SILVA, Zélia Lopes da (org.). *Arquivos, patrimônio e memória: trajetórias e perspectivas*. São Paulo: Editora Unesp, 1999.

Recebido em 22/5/2014

Aprovado em 3/6/2014